

Educação e cultura popular

desafios da escola de periferia

Telmo Marcon¹

Daniela da Silva Dias²

Evania Carina Calza³

Rosa Maria Locatelli Kalil⁴

Michela Lingner⁵

Considerações iniciais

O presente texto é resultado de um esforço coletivo e da confluência de dois processos: o desenvolvimento do projeto de pesquisa sobre educação e cultura a partir da escola municipal Guaracy Barroso Marinho, bairro José Alexandre Zacchia, em Passo Fundo/RS, e o trabalho desenvolvido na disciplina de Sociologia da Educação II,⁶ no curso de Pedagogia Séries Iniciais da Universidade de Passo Fundo, no segundo semestre de 2000.

Entre os vários trabalhos de campo realizados pelas acadêmicas visando ao levantamento da realidade do contexto escolar,

está o desenvolvido pelas alunas Daniela da Silva Dias e Evania Carina Calza. Ambas sistematizaram um levantamento realizado pela escola do bairro Zacchia, através de um questionário aplicado a 350 famílias,⁷ abordando vários aspectos da realidade, alguns dos quais serão aprofundados no decorrer do presente texto. Essas informações são cruzadas com os resultados de outras pesquisas. De posse desse material decidiu-se pela elaboração de um texto que refletisse aspectos da realidade do bairro e também alguns desafios pedagógicos para a educação.

¹ Doutor em História Social pela PUCSP e professor da Universidade de Passo Fundo da disciplina de Sociologia da Educação.

² Aluna do curso de Pedagogia Séries Iniciais da UPF.

³ Aluna do curso de Pedagogia Séries Iniciais da UPF.

⁴ Doutora Arquitetura e Urbanismo pela USP e professora da Universidade de Passo Fundo.

⁵ Aluna do curso de Pedagogia Séries Iniciais da UPF, bolsista do Pibic/CNPq.

A motivação básica que estimulou a produção do presente texto é, analisar aspectos do contexto de periferia urbana e os complexos problemas que nela se condensam e se manifestam. Esses aspectos tornam a prática pedagógica árdua e, por vezes, desanimadora, dificultando uma visualização das transformações dos comportamentos e das práticas de professores, alunos e do próprio bairro. Investigar as complexas realidades das periferias urbanas é um desafio que, cada vez mais, se impõe, especialmente pelas exigências de elaboração dos projetos político-pedagógicos e da contextualização da escola.⁸

No trabalho de reflexão desencadeado em sala de aula e nos contatos estabelecidos com a realidade do bairro, evidenciam-se situações-limite que desafiavam os educadores a uma qualificação nos instrumentos de apreensão e análise do próprio contexto, das práticas sociais de luta pela sobrevivência dos seus moradores, dos costumes e dos comportamentos, ou seja, da cultura.⁹ Compreender as dinâmicas que envolvem as relações sociais construídas e reconstruídas pelos grupos sociais em suas práticas de luta e de resistência é um pressuposto para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico crítico e transformador, que tome a prática social como ponto de partida. (Saviani, 1995, p. 76-85) Dessa forma, é possível avançar no sentido de redefinir a própria função e o papel da escola.

Optou-se, no presente texto, por destacar alguns aspectos básicos da realidade do bairro Zacchia, a sua trajetória, as principais características e problemas atuais, a função e o papel da escola na perspectiva dos alunos, dos pais e dos professores e os principais desafios pedagógicos.

Contextualizando o bairro

O atual bairro José Alexandre Zacchia teve início em 1982 com o projeto Promorar – Programa de Erradicação da Subabitação, que tinha como objetivo atender uma parcela da população de baixa renda, até três salários mínimos, provinda de diferentes vilas da cidade de Passo Fundo e de cidades da região. As famílias de Passo Fundo eram oriundas de diferentes favelas, de áreas *desapropriadas* para a construção de vias perimetrais e de áreas de risco, próximas às linhas férreas. Essas famílias provinham de vários locais com experiências diferentes, fato que provocou muitos conflitos.

O bairro é resultado da organização de um núcleo habitacional implementado pela Cohab/RS¹⁰ – Companhia de Habitação do estado do Rio Grande do Sul – dentro do Programa Promorar, que, em Passo Fundo, foi implantado numa área distante do centro urbano sob o argumento de *baratear* o custo das habitações. Esse foi o último programa habitacional de grande porte em Passo Fundo, no qual foram construídos 620 embriões habitacionais.

O núcleo habitacional Promorar foi implantado numa área de campo adquirida em 1981, situada ao norte da rodovia BR 285, entre os trevos de acesso a Carazinho e Erechim, distante 8 km do centro da cidade. Em 1981, a referida área ficava fora do perímetro urbano e, como se tratava de uma área rural, foi necessário criar toda a infraestrutura urbana: a abertura e pavimentação de ruas, instalação de redes de água, eletricidade, iluminação pública e a construção de alguns espaços públicos, tais como a escola e o posto policial. Instalaram-se no núcleo habitacional um supermercado, três ba-

res e outros pequenos estabelecimentos de prestação de serviços, os quais funcionam nas próprias unidades habitacionais.¹¹

A construção das casas seguiu um padrão de baixa qualidade. Foram utilizadas fundações superficiais, paredes de alvenaria de tijolos cerâmicos vazados, apenas com salpique e sem revestimentos de reboco. A cobertura foi realizada com estruturas de madeira maciça e telhas onduladas de fibrocimento sem forro nos ambientes internos e nem beiral. As esquadrias eram janelas basculantes em ferro e vidro transparentes, portas externas com almo-fadas de madeira maciça. Dispunham de instalação elétrica e hidráulica e esgoto por fossa séptica individual. Algumas unidades habitacionais foram destinadas à própria Prefeitura Municipal, que as ocupou com o ambulatório, creche, sede da associação de moradores do bairro e o posto policial.

As unidades habitacionais foram implantadas de forma isolada, geminadas duas a duas, ou quatro a quatro, em lotes variando de 150 a 350 m², com potencial de ampliação por iniciativa dos próprios moradores. Os lotes, em sua maioria, apresentavam desnível em relação à via pública, não apresentando meio-fio e passeio público, nem drenagem para as águas pluviais.

Inscreveram-se para o referido projeto 1 700 famílias. A seleção ficou a cargo do agente promotor e as famílias foram selecionadas para os 620 embriões construídos segundo o critério de renda familiar e outros de caráter político.

Por se tratar de uma área de expansão urbana, distante de outros bairros e do centro, a população foi obrigada a buscar alternativas de transporte para os desloca-

mentos até o trabalho, em geral, realizado a pé ou de bicicleta. Atualmente, o bairro é servido por linhas de transporte urbano.

No bairro, foi construído também, em 1986, o Centro Comunitário de Juventude, em prédio próprio e de alvenaria, pela Assistência Social Diocesana Leão XIII, proporcionando serviços de assistência médica, odontológica, psicológica, cursos profissionalizantes e atividades educativas e de lazer para crianças, jovens e adultos em parceria com órgãos governamentais e com a Universidade de Passo Fundo.

A organização do núcleo habitacional foi uma resposta da Prefeitura Municipal para assentar famílias removidas de locais onde foram abertas ruas perimetrais, como as da vila Jardim, as das margens da rede ferroviária e de outras áreas de risco. As famílias que foram removidas não puderam escolher o local de moradia, pois foram *jogadas* no bairro em condições precárias, longe das possibilidades de trabalho e da infraestrutura da cidade, o que dificultou a sua vida social e econômica. As famílias eram provenientes de vários locais e de diversas etnias; tinham diferentes objetivos, histórias de vida e experiências de relacionamentos. Tudo isso agravou os conflitos, comprometendo as relações de vizinhança e também as relações com os órgãos de prestação de serviços públicos e privados.

A forma como ocorreu a constituição do bairro Promorar criou problemas das mais diversas naturezas. As pessoas *indesejadas* de outros bairros da cidade, moradores de *beira-trilhos* e lugares de risco e também algumas recém-migradas de cidades da região, de Soledade, de Trindade, de Tenente Portela, etc.,¹² não tinham uma identidade nem perspectivas comuns. O levanta-

mento realizado em 1999 com as 375 famílias evidenciou que 183 (57%) eram provenientes de outros bairros da cidade de Passo Fundo; 95 (29%) eram originárias do meio rural; 28 (8,8%) provenientes de outras cidades e 11 (3,4%) não especificaram a origem.

De forma intencional ou não, a forma como o bairro foi se constituindo acentuou a marginalização geográfica e social dos moradores, situação que gerou muitos conflitos internos e externos, estigmatizando o local e seus moradores. Em razão disso, o bairro Promorar esteve, por muito tempo, associado à *violência*, à *criminalidade* e à *vadiagem*. Em parte, esses estigmas desapareceram, embora ainda se façam sentir.¹³ O próprio termo *Promorar*, utilizado inicialmente pela imprensa e órgãos públicos para identificar o bairro, adquiriu um sentido negativo e foi substituído, por sugestão dos próprios moradores, conforme lei nº 2 094 de 15 de maio de 1984, para bairro José Alexandre Zacchia, em homenagem ao fundador e primeiro presidente da Companhia de Habitação - Cohab.

A localização do bairro e todos esses outros componentes isolaram os moradores do restante da cidade, visto que os habitantes de outros locais não queriam estabelecer relações com pessoas provenientes desse ambiente de conflitos e *marginalidade*. A gênese do bairro marcou profundamente os seus moradores e, ainda hoje, persiste uma série de preconceitos. Quando se fala no bairro Zacchia emergem representações de violência, de droga, de sangue, etc. Em conversas com moradores antigos do bairro, os relatos são dramáticos e dão conta de um ambiente de muita violência. As mudanças que se processaram no local, no

entanto, não alteraram substancialmente as representações que muitas pessoas da cidade têm sobre os moradores do bairro, visto que produziram um imaginário de violência e de brutalidade que ainda persiste. A inexistência de um Programa de Integração e Assistência Social amplo pode ter sido um dos fatores que agravou esse processo de exclusão social.

Entretanto, a consolidação de novas relações e a maior interação existentes atualmente no bairro mudaram substancialmente a realidade do próprio local.¹⁴ Desde a sua criação, foram feitos vários investimentos em infra-estrutura física. Além disso, segundo os moradores mais antigos, as pessoas mais violentas foram assassinadas ou migraram para outros locais. Tudo isso está contribuindo para a construção de uma identidade distinta da anterior, com uma dinâmica comunitária própria, em grande parte articulada com e pela escola.

A realidade habitacional do bairro, segundo o levantamento realizado em 1999, é a seguinte: 88% possuem habitação própria; 6,9% possuem casa cedida e 4,2%, alugada. O número médio de pessoas por habitação aponta o seguinte quadro: em 27%, residem cinco pessoas; em 26%, quatro pessoas; em 17%, três pessoas; em 1,19%, duas pessoas, em 13%, seis; em 7,7%, sete; em 2,6%, oito; em 2,3%, nove; em 1,4%, dez ou mais pessoas. A média de filhos por casal é a seguinte: 27% possuem três filhos; 20%, dois; 9%, cinco; 13% mais de cinco e 1% possui 24 filhos.

Quanto ao tempo de residência no bairro, os números apontam para o seguinte quadro: 122 famílias (38%) vivem no local entre 11 e 15 anos; 73 (23%), entre 1 e 5 anos; 66 (20%), entre 6 e 10 anos; 37 (11%),

entre 16 e 20 anos; 16 residem há menos de ano e uma família (0,3%), há mais de 20 anos, ou seja, está lá desde o início. Esses indicadores permitem inferir uma tendência nas periferias urbanas da cidade de Passo Fundo que é a migração. Essas constantes migrações criam problemas sérios para qualquer tipo de trabalho mais sistemático, principalmente na escola. Uma das dificuldades apontadas pela direção da escola é como dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem quando os alunos chegam e saem da escola constantemente ao longo do semestre e do ano letivo.

O bairro é fundamentalmente residencial e o comércio formal preponderante é o de produtos alimentícios e de bebidas, feito em pequenos mercados e bodegas. No interior do bairro, desenvolvem-se práticas de artesanato que dão conta da sobrevivência de muitas famílias. As indústrias situam-se nas proximidades, na direção do centro da cidade; na direção oposta ao centro da cidade, preponderam uma agricultura extensiva e a criação de gado. Atualmente, o bairro possui uma população de aproximadamente oito mil pessoas, segundo levantamentos realizados no início do ano 2000.

A escola do bairro

A Escola Municipal de 1º Grau Incompleto do bairro foi inicialmente denominada, no tempo da administração de Fernando Machado Carrion, Dirce Silva Machado Carrion. Foi construída em 1985 de forma provisória na parte baixa do núcleo, próxima ao rio Passo Fundo. A construção de 491,29 m² foi feita em madeira e continha oito salas de aula, biblioteca, sala para a direção, secretaria, refeitório, cozi-

nha, pátio aberto e sanitários isolados externos. Em 1988, atendia a cerca de 450 alunos. Hoje a escola é denominada Guaracy Barroso Marinho e está situada num terreno próximo ao acesso ao bairro. Construída em alvenaria, abriga o ensino fundamental pela manhã; à tarde e à noite, abriga o ensino médio, de responsabilidade do governo estadual. As condições da primeira escola eram precárias, desde a instalação ao próprio local onde estava construída, basicamente num terreno de banhado. A atual estrutura da escola, concluída em 1994, apresenta condições excelentes, pelo menos em termos de infraestrutura. Na escola, atuam cinquenta docentes, que atendem a mais de mil alunos do ensino fundamental.

Outros indicadores originados da pesquisa ajudam a compreender melhor a composição do bairro. A faixa etária dos pais indica que 64% possuem entre 20 e 40 anos; 31%, entre 41 e 60 anos, e 3%, idade superior a 60 anos; apenas 3% dos pais têm idade inferior a 20 anos. O grau de escolaridade mostra que 81% deles possuem o 1º grau incompleto; 7%, o 1º grau completo; 4%, o 2º grau completo e uma pessoa tem o 3º grau, mas ainda incompleto; 4% eram analfabetas.¹⁵ Esse baixo nível de escolaridade dos pais entrevistados compromete o auxílio nas atividades escolares dos filhos em casa. Conseqüentemente, o estudo, que deveria ser reforçado em casa, acaba sendo prejudicado, pois os alunos não encontram apoio nem a mediação de pessoas que já possuem o conhecimento sistematizado.

Em relação ao estado civil dos pais, os indicadores apontam que 50,63% são casados; 27,38%, amancebados; 13,69%, sepa-

rados; 5,73%, viúvos; 1,91% são solteiros e 0,63% são divorciados. Esses indicadores apontam para uma questão importante dos processos de ensino-aprendizagem que diz respeito às influências familiares. Muitos alunos provenientes de famílias de pais separados apresentam problemas de conduta e de aprendizagem.

Um dos indicadores que mais chama atenção diz respeito à diversidade de profissões dos pais entrevistados, distribuídos nos setores primário, secundário e terciário da economia. Entre elas, destacam-se: biscateiros, pedreiros, babá, pintor, faxineiro, auxiliar de depósito, motorista, autônomo, cobrador de ônibus, auxiliar de marcenaria, do lar, auxiliar de enfermagem, funileiro, serviços gerais, encanador, agente de saúde, vendedor, eletricitista, servente, costureira, supervisor de fiscalização, funcionário público, operário, laboratorista, porteiro, agricultor, serrador, almoxarifado, borracheiro, auxiliar de produção, mestre-de-obras, manicure, cabeleireira, instrutor de teatro, confeitaria, químico, mecânico, montador de móveis, zelador, doméstica, tratorista, auxiliar de fundição, torneiro mecânico, freteiro, músico, comerciante, açougueiro, auxiliar de indústria, carpinteiro, jardineiro, comerciário, garçom, recepcionista, operador de computador, caixa, operador de máquina, soldador, auxiliar de departamento, artesão, metalúrgico, auxiliar de cozinha. Além dessas profissões, existem os desempregados (4%); 0,8% "encostados" e 3% aposentados. Nas famílias de 50% dos entrevistados, apenas uma pessoa trabalha.

A renda dos que trabalham aponta o seguinte quadro: 74% recebem entre 1 e 3 salários mínimos; 16%, entre 3 e 5 salários;

17%, menos de um salário e 9% recebem entre 5 e 7 salários. Essa realidade financeira agrava o quadro de doenças. A pesquisa revelou que em 30,6% das famílias existem pessoas com algum tipo de doença, entre as quais se destacam: alergias, asma, cataratas, derrame, câncer, hipertensão, diabetes, reumatismo, problemas de coluna, disritmia, toxoplasmose, úlcera, alcoolismo. A procura pelo posto médico do próprio bairro ou por hospitais só ocorre com o agravamento das doenças. Visto que, em princípio, as pessoas se automedicam ou procuram alternativas de cura espiritual.¹⁶

Em relação aos hábitos alimentares, é mais comum o consumo de arroz, feijão, carne, massa, polenta... Das famílias entrevistadas, 61% não possuem qualquer tipo de horta para cultivo de verduras, mesmo dispondo de algum tipo de espaço físico para tanto. Parece ser costume entre os descendentes de luso-brasileiros o baixo consumo de legumes e verduras. A relação se inverte quando a questão é a criação de animais, destacando-se vacas, porcos, galinhas, cavalos, gatos, cachorros e pássaros.¹⁷

Todos os moradores têm acesso a algum meio de comunicação de massa. Do rádio ouvem muito os programas vinculados ao comércio (troca-troca),¹⁸ programas que informam a ação da polícia (batidas, prisões, brigas, assaltos, assassinatos....), programas de música sertaneja e de esporte. Dos programas de televisão destacam-se as novelas, o *Programa do Ratinho* (SBT), *Faustão*, *Fantástico*, *Linha Direta*, *Sílvio Santos*, programas religiosos, *Programa do Gugu*, etc. Algumas famílias responderam que não assistem a televisão porque não possuem aparelhos e outras, porque a religião não permite. A televisão é, ainda,

uma das mais difundidas atividades de lazer, especialmente nos finais de semana. Porém, os programas assistidos não contribuem para a construção de uma consciência crítica e para a cidadania; ao contrário, mudam e criam comportamentos, sobretudo entre os jovens e adolescentes, influenciando-os com práticas negativas e repassando valores de forma acrítica.

Entre os principais problemas do bairro, a pesquisa destacou, por ordem de importância: drogas, prostituição, desemprego, gravidez precoce, saúde, esgoto, segurança, falta de cuidado (lixo), falta de união entre as pessoas, alcoolismo, violência e falta de segurança.

Em relação às drogas, há uma forte consciência de que elas são prejudiciais, que destroem as famílias, deixando-as desesperadas e sem perspectivas de recuperação. Os pais se preocupam com os relacionamentos que os filhos estabelecem e procuram conscientizá-los dos riscos de envolvimento com as drogas. Na avaliação dos entrevistados, a droga leva ao roubo e é um caminho sem volta. A pesquisa mostrou que em 42% das famílias existem consumidores de algum tipo de droga, inclusive envolvendo crianças. Dos entrevistados, 26% responderam que o problema que mais os atinge é a droga.

Perspectivas da escola e os desafios pedagógicos

Como os pais vêem a escola? As opiniões são diversas: para alguns, ela é boa e está melhorando; para outros, precisa melhorar mais na organização e os alunos deveriam ser tratados com mais disciplina. Em algumas séries, existem alunos com diferentes faixas etárias, dificultando o traba-

lho dos professores e também as relações entre eles. Os próprios pais reconhecem que deveriam participar mais da educação dos filhos, acompanhando suas atividades na escola e em casa. Reconhecem também que existem na escola práticas de discriminação entre os alunos e entre professores e alunos.

O que os pais esperam da escola? De um modo geral, os pais consideram que a escola é importante para o futuro dos filhos e que os professores deveriam gostar mais dos alunos e se interessar mais por eles; pensam também que todos os alunos deveriam receber o material de que necessitam, e não apenas os mais carentes. As famílias gostariam que na escola se falasse mais sobre prevenção de drogas, se oferecessem cursos profissionalizantes, de computação, de língua estrangeira; que se preparasse para o vestibular; que se desse orientação profissional e psicológica; que se ensinassem trabalhos manuais; prática de esportes, aulas de música; orientação sobre o trânsito, palestras sobre prostituição, alcoolismo, técnicas em agricultura, culinária, etc. Também gostariam que, na escola, se falasse mais sobre civismo, valorização da vida, do corpo, de emprego, conflitos existenciais, gravidez, sexo, violência, proteção do meio ambiente, respeito humano e religião. Deveria, ainda, orientar mais os adolescentes; dar mais atividades para serem desenvolvidas em casa; que houvesse mais respeito e que os professores fossem mais exigentes, mais cuidado com o material utilizado na escola (cadernos e livros) e mais assiduidade de alguns professores.

Como os alunos vêem a escola? As opiniões dos alunos¹⁹ sobre a escola dão conta de que ela é boa, transmite bons ensinamentos, tem bons professores, ensina boas maneiras

e também a ler e a escrever. No entanto, reconhecem que falta disciplina em algumas atividades e que alguns professores *matam* aula; há brigas, falta de segurança e de respeito.

O que os alunos esperam da escola? A escola deveria ser um espaço para aprender a ser alguém na vida; é a segunda casa para o aluno. Para alguns, a escola é um dos locais mais seguros e protegidos. Os alunos esperam que a escola ensine, que os professores expliquem melhor o conteúdo; proporcione atividades extraclasse, especialmente atividades esportivas; esperam um bom futuro e que os professores não “peguem no pé”. A escola deveria promover mais eventos com a universidade e também mais palestras; os alunos esperam mais atenção e menos violência na escola e que os professores tenham mais paciência. A escola tem de ensinar coisas úteis para que o que ensina seja bem aproveitado. Tem de preparar para uma profissão e para algo que ajude a crescer na vida, ou seja, preparar para o futuro; tem de ouvir as opiniões dos alunos para a tomada de decisões. A escola deveria adquirir mais livros de literatura, materiais escolares e computadores; tirar ensino religioso e a parte teórica da educação física e dar mais aulas de educação sexual. Esperam que o ensino fundamental seja mais qualificado e que continue dando oportunidade para os alunos mostrarem suas qualidades e talentos. Finalmente, acreditam que deveria haver mais policiamento por causa das brigas.

Como os professores vêem a escola? A avaliação dos professores é de que a escola é bastante problemática em razão de à situação de miséria, pobreza e abandono em que vive a maioria dos alunos e das fa-

mílias. Além disso, há o problema da localização do bairro, que, desde a sua criação, ficou à margem na cidade. Mesmo diante de tantas dificuldades, a escola está tentando amenizar os problemas existentes já que é um dos pontos de referência da comunidade. A escola trabalha mais o lado humano do que o educacional; a maioria dos pais e alunos vê a escola como um ponto de apoio importante no bairro e também como uma das únicas saídas para mudar de vida, pois, através do estudo de seus filhos, é que poderão ter dias melhores. A escola é um lugar onde não só se aprende a ler e escrever, mas também se aprende a enfrentar o dia-a-dia. Os professores reclamam da pouca participação dos pais nas atividades da escola e no processo ensino-aprendizagem dos alunos.²⁰

O que os professores esperam da escola? Gostariam que fosse possível realizar um trabalho mais amplo envolvendo a comunidade para que, juntos, pudessem mudar um pouco a triste realidade de muitos alunos; que ela transmita muito mais que conhecimentos e que os alunos levem para a vida ensinamentos que realmente sejam úteis; que haja mais recursos para os professores trabalharem com seus alunos e salas adequadas para o desenvolvimento dos conteúdos. Esperam que a escola continue sendo uma família, apoiando o corpo discente e docente, sem distinção, e criando as condições para que todos possam desenvolver suas potencialidades. Sugerem que a escola continue desempenhando a sua função de “ensinar”, mas que vá além e trabalhe numa linha humanizadora, respeitando e valorizando o aluno como um todo, e que seja um espaço de democratização, levando a que os alunos saibam lu-

tar e transformar as condições de vida. Ela deve formar o aluno como um todo, em todos os sentidos, mas deve dar ênfase ao conhecimento e à cidadania.

Por outro lado, para alguns professores, a escola está sendo assistencialista para os alunos, desempenhando, muitas vezes, o papel que é de responsabilidade dos pais e deixando a desejar na sua verdadeira função. Ela realiza um trabalho árduo em relação à clientela que possui, mas o retorno das famílias é mínimo. Em relação ao ensino-aprendizagem, quase não é possível contar com o apoio das famílias. Segundo a fala de uma professora, para “atender uma clientela de baixo padrão socioeconômico não devemos nos acomodar, nem tampouco subestimar o aluno que aqui chega. Acredito que a motivação tem de partir do professor”.

O que os professores esperam dos alunos e dos pais? Esperam que cada vez mais os alunos não vejam os professores somente como educadores e transmissores de conhecimentos, mas como amigos.²¹ Desejam que possam perceber que a mudança da realidade de desigualdades e de marginalidade em que vivem depende deles próprios. A escola é um dos caminhos para que isso aconteça. Esperam que eles se sintam atores e autores de sua própria história; que cada um tenha consciência do verdadeiro papel que desempenha na construção de uma sociedade nova. Os alunos devem construir juntos seu saber e despertar para crescer, vencer e ter boas perspectivas para o futuro; não devem aceitar pacificamente a situação de menos privilegiados nem se acomodar pensando que não podem melhorar.

Para alguns professores, os alunos deveriam adquirir na escola um pouco daquilo que não têm em casa, nas famílias; saber

cobrar dos professores o que querem saber; gostar do estudo e continuar por dedicação própria, não forçados pelo Conselho Tutelar. Esperam que os alunos entendam o que o professor deseja passar; que consigam relacionar-se com os grupos dos quais participam, sentindo-se amados e valorizados por todos. É necessário que os alunos compreendam que os professores querem ajudá-los, seja na matéria, seja na solução de problemas pessoais. Esperam que os alunos participem das decisões da escola, juntamente com os professores e a direção; que os alunos saiam do seu estado de inércia e de acomodação e que conquistem seus direitos e lutem contra todos os preconceitos existentes.

Considerações finais

No presente estudo, procurou-se aprofundar alguns aspectos da realidade de um bairro de periferia urbana. A preocupação é como essa realidade deve ser conhecida e trabalhada tanto por professores quanto pela escola, principalmente quando da construção do projeto político-pedagógico. No entanto, pairam vários questionamentos em relação ao próprio trabalho de pesquisa e de análise da realidade. Como pensar uma escola preocupada com a comunidade onde está inserida se não se conhece a realidade? Como desencadear um processo participativo sem que haja uma predisposição de pais, alunos, professores e direção? Com base na pesquisa realizada, observou-se que a escola trabalha muito pouco com as questões envolvendo a história do bairro: a sua constituição, os preconceitos, os estigmas, a violência, a sua organização, etc.

Mesmo não conseguindo dar conta das complexas questões do bairro, toda a comunidade escolar tem consciência e reafirma que a escola é uma das principais referências. Em torno dela se desenvolvem, além do ensino, atividades de lazer e de integração da própria comunidade. No entanto, pais, professores e alunos esperam que cada vez mais a escola se torne dinâmica dentro da própria comunidade e também na mediação com a cidade, visando à superação dos estigmas e preconceitos, além da formação de cidadãos críticos, com capacidade para refletir e transformar a própria realidade.

A escola tem como desafio fundamental aprofundar o contexto onde está inserida. Este trabalho, no entanto, exige um grande esforço e participação visto que os processos de investigação não podem ser improvisados. A escola que se propõe a trabalhar a partir da prática social, conforme Saviani (1995), tem por obrigação conhecer a formação do bairro, a sua história, os diferentes grupos étnicos existentes, os costumes e tradições, as práticas de lazer, de religiosidade, as formas de sobrevivência, os valores, os comportamentos, as regras sociais, ou seja, tudo o que envolve a cultura. Dessa forma, é possível desenvolver um trabalho que dê sentido para a comunidade e que aponte também no sentido das transformações que se fazem necessárias. Essa perspectiva exige um envolvimento de todos os segmentos da escola, principalmente da direção e dos professores. É preciso capacidade de criar e desenvolver um trabalho crítico e transformador, levando em conta as potencialidades existentes e, também, as limitações em termos de condições sociais, econômicas e humanas.

A escola precisa ser capaz de se situar no tempo e no espaço, conhecendo a história e a formação da comunidade onde atua, o seu desenvolvimento e as novas relações e práticas emergentes. Essa é a perspectiva apontada por Williams quando pensa a cultura concebida como modo de vida, destacando uma tríplice dimensão: dominante, residual e emergente, conforme análise de Marcon. (1999, p. 263) A escola necessita conhecer a trajetória de constituição do bairro, os sujeitos nele presentes, as práticas sociais de sobrevivência, bem como as novas realidades que emergem. Dessa forma, a escola poderá interferir nas realidades do bairro e das famílias, transformando-as.

NOTAS

- ⁶ A metodologia adotada na disciplina de Sociologia da Educação é que não se definam previamente os temas a serem estudados. Antes, faz-se um trabalho de campo que tem uma dupla função: identificar as questões e temas mais prementes dos contextos das escolas e, ao mesmo tempo, entrar em contato com as realidades nas quais se desenvolvem as práticas pedagógicas nas escolas. Infelizmente, nem todos os alunos do curso de pedagogia atuam em escolas enquanto realiza n seus cursos. A proposta da Sociologia da Educação é de que se estabeleça um contato para que, num segundo momento, em colaboração com outras disciplinas de fundamentos da educação, sejam problematizados os temas e as questões.
- ⁷ O levantamento realizado pela escola tinha como objetivo subsidiar a análise da realidade do bairro visando à construção do projeto político-pedagógico.
- ⁸ Segundo a LDB de 1996, lei n. 9394, art. 12, é dever dos estabelecimentos de ensino "elaborar e executar sua proposta pedagógica"; cabe, ainda, ao corpo docente, conforme art. 13, "participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino [...]".
- ⁹ As diferentes definições de cultura têm implicações importantes para as práticas pedagógicas. Trabalha-se, no presente texto, com a noção de cultura elaborada por Thompson e Williams, entendida como *modos de vida*. A cultura envolve, dentro dessa compreensão, todas as dimensões das práticas

sociais e as relações que os diferentes grupos sociais estabelecem entre si e com o meio social construído e permanentemente reconstruído através das práticas, que são orientadas por interesses, costumes e valores.

- ¹⁰ A Cohab/RS foi criada em 24 de dezembro de 1964 com a finalidade de atender ao programa habitacional do estado com recursos provenientes do BNH – Banco Nacional da Habitação – e com a participação do Estado e dos municípios.
- ¹¹ As unidades habitacionais do Promorar foram assim distribuídas: 234 unidades-embrião do tipo 6a, com área construída de 20,12 m², representando 37,74% do total das unidades; 144 unidades-embrião do tipo 8b, com área construída de 16,19 m², representando 23,22% do total das unidades; 214 unidades-embrião do tipo 10, com área construída de 18,97 m², representando 34,52% do total das unidades; 28 unidades-embrião do tipo 9, com área construída de 12,66 m², representando 4,52% do total das unidades.
- ¹² A respeito dos processos de migração na região de Passo Fundo ver o texto de KALLI Rosa Maria Locatelli et. al. Migração e urbanização: o caso da região de Passo Fundo. In: DAL MORO, Selina Maria et. al. *Urbanização, exclusão e resistência: estudos sobre o processo de urbanização na região de Passo Fundo*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 39-66.
- ¹³ Em pesquisas que realizamos nos principais jornais de Passo Fundo sobre a história do bairro Promorar, poucas informações encontramos. Praticamente todas as notícias sobre o bairro encontram-se nas colunas policiais. Essa observação reforça ainda mais a idéia de como a realidade de violência e criminalidade, que efetivamente existiu, foi trabalhada de forma a construir e reforçar preconceitos que ainda permanecem vivos no imaginário da cidade.
- ¹⁴ Há uma profunda vinculação entre a cultura e o espaço. Ambos se transformam através das relações construídas e reconstruídas pelos diferentes sujeitos sociais. Essa discussão foi aprofundada através de vários artigos na revista *Projeto História* da PUC/SP, n. 18, maio 1999, cuja temática foi “Espaço e Cultura”.
- ¹⁵ A respeito do analfabetismo na região de Passo Fundo pode-se consultar o texto de DAL MORO, Selina Maria; LONGHI, Solange Maria. Analfabetismo na região de Passo Fundo. In: BENINCÁ, Elli (Org.). *Cultura e educação popular*. Passo Fundo: Gráfica e Editora da Upf, 1992, p. 33-78.
- ¹⁶ A respeito da relação entre cultura e práticas de saúde popular, ver os textos de: VALLA, Victor Vincent; STOLTZ, Eduardo Navarro (Org.). *Participação popular, educação e saúde: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1993 e de BENINCÁ, Elli. Práticas de religiosidade e de saúde popular. In: BENINCÁ, Elli (Org.). *Religiosidade e saúde popular*. Passo Fundo: Editora e Gráfica da UPF, 1991, p. 77-101.
- ¹⁷ Brandão faz uma interessante análise de como os camponeses estabelecem relações com os animais, identificando-os por nomes próprios e criando pro-

fundos vínculos afetivos com os mesmos. Ele desenvolve tal análise no livro *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*, especialmente o capítulo segundo, intitulado: “Aprender e ensinar”. Mesmo sendo uma pesquisa realizada entre camponeses, as observações se aproximam muito da realidade do bairro.

- ¹⁸ A rádio Uirapuru de Passo Fundo mantém há anos um programa denominado *Troca-Troca*. Os interessados em vender ou comprar algum produto se dirigem aos domingos pela manhã até a rádio e informam os seus interesses. Em geral, trocam-se os produtos por dinheiro. É um dos programas de grande audiência na cidade.
- ¹⁹ Foram entrevistados 56 alunos da 6ª, 7ª e 8ª séries.
- ²⁰ No texto “O mito da omissão parental e as relações famílias-escola”, Lahire discute a participação dos pais nas atividades da escola e faz uma crítica ao discurso que se tornou comum entre os professores de que os pais não se preocupam com a escola. (LAHIRE, 1997, p. 334-338)
- ²¹ Existem muitas controvérsias no que diz respeito às relações entre professor-aluno. Alguns defendem a idéia de que os professores devem assumir uma postura, acima de tudo, de amigos dos alunos; outros defendem a importância de relações de autoridade profissional e acadêmica. Parte dessas polêmicas foi abordada por Paulo Freire na obra *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 8.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

Referências bibliográficas

- ARROYO, Miguel (Org.). *Da escola carente à escola possível*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1986.
- BENINCÁ, Elli. Práticas de religiosidade e de saúde popular. In: BENINCÁ, Elli (Org.). *Religiosidade e saúde popular*. Passo Fundo: Gráfica da UPF, 1991. p. 77-101 (Cultura e religiosidade popular, 1).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. São Paulo: FTD, 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e contradição*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- DAL MORO, Selina Maria; LONGHI, Solange Maria. Analfabetismo na região de Passo Fundo. In: BENINCÁ, Elli (Org.). *Cultura e educação popular*. Passo Fundo: Gráfica e Editora da UPF, 1992. p. 33-78 (Cultura e religiosidade popular, 2).

- FLEURI, Reinaldo Matias. *Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 8. ed. São Paulo: Olho d'água, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: EdUnesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- HURTADO, Carlos Nuñez. *Educar para transformar, transformar para educar*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- KALIL, Rosa Maria Locatelli et. al. Migração e urbanização: o caso da região de Passo Fundo. In: DAL MORO, Selina Maria et. el. *Urbanização, exclusão e resistência: estudos sobre o processo de urbanização na região de Passo Fundo*. Passo Fundo: Ediupf, 1998. p. 39-66.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- MARCON, Telmo. Cultura popular e desafios pedagógicos. In: RAYS, Oswaldo Alonso. *Trabalho pedagógico*. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 255-266.
- Programa de estudos pós-graduados em História e Departamento de História da PUC/SP. *Projeto História*, São Paulo: Educ, n. 18, maio 1999.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 29. ed. Campinas: Editores Associados, 1995.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. Exclusão social e educação popular no Brasil - 500. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, José Francisco de Melo (Org.). *Educação popular: outros caminhos*. João Pessoa: EdUfpb, 1999.
- SILVA, Luiz Heron da (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VALLA, Victor Vincent; STOLTZ, Eduardo Navarro (Org.). *Participação popular, educação e saúde: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rolumé/Dumará, 1993.